

**REFLEXÕES SOBRE AS NOÇÕES DE CLASSES GRAMATICAIIS:  
O CASO DOS NOMES PRÓPRIOS ANTROPONÍMICOS EM ESPANHOL**

**REFLECTIONS ON THE CONCEPTS OF GRAMMATICAL CLASSES:  
THE CASE OF ANTHROPONYMIC PROPER NAMES IN SPANISH**

Eduardo Tadeu Roque Amaral<sup>1</sup>

[eduamaralbh@uol.com.br](mailto:eduamaralbh@uol.com.br)

**RESUMO:** Neste trabalho, apresentamos e comentamos ocorrências de nomes próprios pouco tratadas pelos gramáticos, nas quais o antropônimo não se encontra no seu uso ordinário (uso referencial), como em: *el estilo Fidel Castro; la técnica Stanislavsky; el año Pugliese; el efecto Boulanger; Elsa es muy China*. Para isso, partimos de uma discussão sobre classificações de itens lexicais e depois analisamos dados do espanhol escrito. Nessa análise, torna-se relevante a observação das propriedades do portador do antropônimo e do conteúdo do nome próprio. Em seguida, propomos uma forma de abordagem de tais casos no âmbito do ensino de língua espanhola. Ao final, apresentamos sugestões de exercícios que o professor de espanhol pode utilizar para trabalhar o tema durante as suas aulas. O objetivo principal é que as discussões levem ao desenvolvimento do ensino de uma gramática reflexiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** classes gramaticais; nomes próprios; antropônimos.

**ABSTRACT:** In this paper, occurrences of proper names which are little studied by grammarians are presented and commented. In these occurrences, the anthroponyms are not found in their normal use (referential use) as in: *el estilo Fidel Castro; la técnica Stanislavsky; el año Pugliese; el efecto Boulanger; Elsa es muy China*. Thus, we start from a discussion relating to the classification of lexical items followed by an analysis of data from the written Spanish. In this analysis, the observation of the anthroponym bearer's characteristics and of the content of the proper name is important. In sequence, a form of approaching these cases in the field of Spanish Language teaching is proposed. Finally, suggestions of exercises are presented, so that the Spanish teacher may make use of them to work during classes. The main purpose is that the discussion may lead to the development of the teaching of a reflective grammar.

**KEY WORDS:** grammatical classes; proper names; anthroponyms.

## **1. Introdução**

Classificar é uma atividade que o ser humano realiza de modo natural e muitas vezes de maneira inconsciente. A todo instante, estamos classificando os objetos, os alimentos, as roupas, as pessoas... No ensino regular, estudamos classificações da biologia, da química, da geografia, etc. Durante os estudos de língua(s), aprendemos a classificar unidades linguísticas diferentes: os sons, as palavras, as sentenças, etc.

Com respeito aos itens léxicos, sabemos que a divisão em classes de palavras nos estudos ocidentais remonta à Grécia Antiga. Como aponta NEVES (2005, p. 157), tanto

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

Dionísio da Trácia (170 a 90 a.C.) quanto Apolônio Díscolo (séc. II a. C) distinguem as seguintes *partes do discurso*: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção. Se consultarmos algumas obras de autores clássicos dos estudos gramaticais de língua espanhola, veremos uma semelhança muito grande entre as classes de palavras que esses autores propõem e aquelas dos gramáticos gregos. Nebrija (1441-1522), por exemplo, expõe: “Así que serán por todas diez partes de la oración en el castellano: nombre, pronombre, artículo, verbo, participio, gerundio, nombre participial infinito, preposición, adverbio, conjunción.” Na gramática de Andrés Bello (1781-1865), lemos: “Atendiendo ahora a los varios oficios de las palabras en el razonamiento, podemos reducirlas a siete clases, llamadas Sustantivo, Adjetivo, Verbo, Adverbio, Preposición, Conjunción, Interjección”. Da mesma forma que as divisões de Nebrija e Bello se assemelham à divisão grega, as gramáticas contemporâneas mantêm uma distinção de classes semelhante. Em uma gramática contemporânea utilizada com fins didáticos no ensino de E/LE como a de Gómez Torrego (2000), registram-se as seguintes classes: *sustantivo, adjetivo, determinativo, pronombre, verbo, advérbio, preposición, conjunción, interjección*.

Se, por um lado, vemos que a classificação de itens lexicais constitui algo intrínseco ao estudo da língua, por outro lado, é de conhecimento amplo que os critérios utilizados na definição de uma classe e na delimitação de seus membros não são consensuais entre os autores. Para tratar desse tema, na próxima seção, centralizamos nossa atenção nos substantivos e adjetivos. Em seguida, analisamos ocorrências de nomes próprios pouco tratadas pelos gramáticos e propomos uma abordagem de tais casos no âmbito do ensino de E/LE. Ao final, como anexo, apresentamos sugestões de exercícios que o professor de espanhol pode utilizar para trabalhar o tema durante as suas aulas. O objetivo final é que as discussões levem ao desenvolvimento do ensino de uma gramática reflexiva, proposta que se alinha à das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (BRASIL, 2006).

## 2. Substantivos e adjetivos

A classe dos substantivos (ou nomes<sup>2</sup>) é dividida pelas gramáticas com base em critérios distintos. Uma das divisões corresponde à separação entre nomes (ou substantivos) próprios e nomes (ou substantivos) comuns ou apelativos<sup>3</sup>. Entre os gramáticos de língua espanhola, essa divisão está presente tanto nas gramáticas antigas,

---

<sup>2</sup> Tenha-se em conta que alguns gramáticos incluem substantivos e adjetivos na classe dos *nomes*.

<sup>3</sup> Para propostas diferentes, veja-se Molino (1982) e Osuna García (2003). Este autor, por exemplo, relaciona os nomes próprios com os dêiticos.

nas já citadas de NEBRIJA (1492) e BELLO (1988, p. 205) e também de SALVÁ (1988, p. 138), quanto nas contemporâneas, como ALARCOS LLORACH (1999) e GÓMEZ TORREGO (2000, p. 35).

Para ALARCOS LLORACH (1999, p. 83), os substantivos comuns ou apelativos “clasifican los objetos de la realidad física o mental como pertenecientes a una determinada clase”, enquanto os substantivos próprios “identifican con su etiqueta a un objeto dado, que resulta inconfundible para los interlocutores”. Postura diferente é assumida por DI TULLIO (2005). A autora distingue os substantivos próprios dos nomes próprios, embora reconhecendo que normalmente coincidem, como em *Gabriel García Márquez*. Mas o argumento que sustenta a distinção de Di Tullio é que há nomes próprios formados por substantivos comuns, como em *Cien años de soledad* ou por uma combinação de substantivos comuns e substantivo próprio, como em *Universidad Nacional del Comahue*. Por outro lado, ainda conforme a autora, os substantivos próprios podem aparecer em SN que não é um nome próprio, uma vez que não designa uma entidade única: *el Buenos Aires de mi infancia; todos los García de la guía telefónica; un tal Pérez, todo un Cicerón*. Neste trabalho, não utilizaremos a distinção anterior nem desenvolveremos uma discussão a respeito de que lugar ocupam os nomes próprios na língua. Também não nos interessam construções como *todos los García de la guía telefónica*, objeto de estudo de AMARAL (2008). Centralizaremos nossa atenção nos nomes próprios de pessoa, também chamados de *antropônimos*, mantendo a sua inclusão na classe dos nomes ou substantivos.

Um ponto crucial na diferenciação entre nomes próprios e nomes comuns é a discussão sobre a existência ou não de sentido de nomes próprios. Neste trabalho, aceita-se que o nome próprio, diferentemente do nome comum, não possui sentido lexical. Entretanto, o tema não é tão simples assim. FERNÁNDEZ LEBORANS (1999) discute a questão da possibilidade de o nome próprio ser ou não qualificativo, uma vez que ele não descreve nenhuma propriedade do objeto que denota. Conforme a autora, se se aceita que o nome próprio tem um conteúdo intensional tácito, ou *contenu* de Gary-Prieur, pode-se explicar a aceitabilidade de advérbios de grau como em *un traje muy Chanel*. Neste trabalho, adota-se também a idéia de um *conteúdo* do nome próprio, tal como exposto por Gary-Prieur. Para esta autora, o *conteúdo* de um nome próprio é um “conjunto de propriedades atribuídas ao referente inicial desse nome próprio em um universo de crença” (GARY-PRIEUR, 1994, p. 51). Essas propriedades, complementa GARY-PRIEUR (2001, p. 78), não se encontram no léxico – pois para ela o nome próprio não tem sentido conceitual –, mas surgem da experiência associada pelos locutores com

o referente do nome próprio. Conforme distingue a autora, o *conteúdo* não se confunde com o *conhecimento enciclopédico*, construído fora do discurso e representado pelas informações dos dicionários de nomes próprios, e tampouco com as *conotações* do nome próprio, estas construídas sobre o signo e não sobre o referente, sendo um objeto de preocupação da onomástica literária – ex.: *Un Mohamed ne peut pas être français* (GARY-PRIEUR, 1994, p. 53 e ss.). Neste trabalho, aceitaremos a noção de *conteúdo* do nome próprio, que será retomada durante a análise.

Interessa-nos também neste texto a classe dos adjetivos. Embora esteja presente em qualquer gramática, há, conforme sabemos, divergências no que se refere aos itens que a compõem. De qualquer modo, seria possível dizer que os adjetivos qualificativos seriam os membros prototípicos da classe, estudados por todos os gramáticos e definidos seja por critérios semânticos e/ou por critérios de posição em relação ao substantivo e a determinados verbos.

Em obras voltadas para o ensino de E/LE, também encontramos a mesma diferenciação entre substantivos e adjetivos. Em geral, recorre-se à distinção clássica de substantivo como o item que nomeia seres e de adjetivo como aquele que atribui uma qualidade (cf., por exemplo, ALONSO RAYA et al. (2006)). Os substantivos, conforme apontado, seriam ainda divididos entre comuns e próprios. As definições, quando são apresentadas, acompanham-se sempre de exemplos prototípicos, em que nomes próprios aparecem no chamado uso ordinário: *Pedro lee el libro*. Entretanto, os casos que examinaremos neste trabalho fogem às definições básicas dos manuais didáticos e de gramáticas tradicionais.

### 3. Os dados

As ocorrências que serão apresentadas a seguir foram extraídas do jornal argentino *La Nación* e utilizados em AMARAL (2008). São dados de textos publicados na seção *Entretenimientos (Espectáculos)* durante o período de julho de 2005.

Nos exemplos que serão examinados, o SN que contém o antropônimo não se refere ao portador do nome próprio nem a uma produção sua, como o faz o referente dos complementos verbais em, respectivamente, *Encontré a Juan*; *Leemos Borges todos los años*. Mas veremos que a interpretação do SN tem como base propriedades do referente inicial.

#### 4. Análise dos dados a partir de AMARAL (2008)

Observem-se os SNs destacados abaixo:

- (1) *León Gieco, "comandante" polémico*  
Look castrista en la Rolling Stone  
Así se verá León Gieco, al **estilo Fidel Castro**, en el próximo número de la revista Rolling Stone, que saldrá a la venta el miércoles por la noche.  
(<http://www.lanacion.com.ar/725989>)
- (2) Lejos del **estilo Noé**, que hasta ahora imprimió de fuerte contenido social a sus películas, el universo de Lucile prefiere desplegarse en una realidad mucho más confusa. (<http://www.lanacion.com.ar/724008>)
- (3) Ian Smith ha editado una selección de comentarios de actores y directores que "describen el placer y la perplejidad de una producción pinteriana: su desafío a la emotividad del actor, la pertinencia o no de utilizar **la técnica Stanislavsky**, los problemas de ritmo y pausas". (<http://www.lanacion.com.ar/721724>)
- (4) Los protagonistas de esta fábula satírica son Alex (Ben Stiller), un león arrogante y con todos los excesos típicos de una estrella de Hollywood (aunque en el fondo bastante más querible), la rebelde y aventurera cebra Marty (Chris Rock), la hipocondríaca y cobarde jirafa Melman (David Schwimmer en **plan Woody Allen**), y la mucho más pragmática hipopótamo Gloria (Jada Pinkett Smith).  
(<http://www.lanacion.com.ar/719088>)
- (5) Para el tango, y para muchos argentinos, 2005 es **el año Pugliese** por dos motivos: coinciden la conmemoración del centenario del nacimiento con los diez años de la muerte del pianista, director y compositor.  
(<http://www.lanacion.com.ar/724029>)
- (6) Es George Steiner, en su libro de reciente aparición "Lecciones de los maestros" (Ed. Siruela-FCE, 187 pp.), quien acepta, usando las palabras del conocido compositor y pedagogo norteamericano Ned Rorem, que Nadia Boulanger fue, sencillamente, "la maestra más grande que ha habido desde Sócrates". Casi nada. Pero al margen del exceso, es preciso reconocer que **el efecto Boulanger**

en parte de la historia de la música del siglo XX ha sido impresionante.  
(<http://www.lanacion.com.ar/719085>)

- (7) En estos días, está circulando un texto sin firma que describe personalidades infantiles según modelos de compositores. Denominados "efectos", los diagnósticos se apoyan en sólidos conocimientos de técnicas compositivas y de estética. Por ejemplo, se afirma que los chicos que padecen **el Efecto Paganini** hablan muy rápido y con palabras extravagantes sin decir nunca nada importante. Los que son agrupados bajo **el Efecto Bruckner** hablan muy lento, no sonríen nunca, se repiten con frecuencia y adquieren reputación de profundidad. Están los pequeñitos que sufren **el Efecto Schönberg**, que se caracterizan por no repetir nunca una palabra antes de usar todas las otras de su vocabulario. Además, hablan al revés, y cuando la gente deja de prestarles atención, los niños, muy seguros de sí mismos, insisten en que la situación se debe a la incapacidad de los demás para entenderlos. Más serio es el cuadro de los que presentan **el Efecto Stockhausen** porque les encuentran alguna faceta artística a todos los ataques terroristas. Por último, cabe señalar que están los que acusan **el Efecto John Cage**, que se distinguen por permanecer silenciosos y estáticos durante cuatro minutos y treinta y tres segundos.

(<http://www.lanacion.com.ar/724999>)

Em (1) e (2), o nome *estilo* está seguido pelos antropônimos *Fidel Castro* e *Noé*, os quais ocupam a posição "típica" de adjetivos. O mesmo acontece nos demais exemplos, com os nomes comuns *técnica*, *plan*, *año* e *efecto* e os respectivos antropônimos. Retomando FERNÁNDEZ LEBORANS (1999, p. 109), seria possível afirmar que o componente intensional do nome comum configura-se a partir de uma ou mais propriedades do portador do nome próprio que lhe segue.

Um caso interessante é o de (7), que mostra a expressividade que pode ter o nome próprio de pessoa. Nesse exemplo, os antropônimos dos compositores Paganini, Bruckner, Schönberg, Stockhausen e John Cage são usados para qualificar diferentes personalidades infantis, por meio de diagnósticos chamados *efectos*. No caso de *Efecto Schönberg*, por exemplo, caracterizado pelo fato de a criança não repetir nunca uma palavra antes de usar todas do seu vocabulário, a remissão é feita ao fato de esse compositor ter começado a utilizar em suas melodias todas as alturas da escala cromática, ou seja, antes de voltar à mesma altura, passava pelas restantes.

Voltando ao conjunto dos exemplos, a primeira pergunta que se faz é: por que os nomes próprios ocupam a posição de adjetivos? Por que não temos os adjetivos deantroponímicos correspondentes, ou seja, por que não se utilizou *estilo castrista* em lugar de *estilo Fidel Castro*? Observe-se que *castrista* já havia sido utilizado em (1).

Uma análise inicial poderia propor que nem todos os antropônimos apresentam deantroponímicos correntes na língua espanhola. Assim, não seriam usuais os derivados de [Gaspar] Noé, nome do diretor de cinema, ou de [Nadia] Boulanger, compositora, diretora de orquestra e professora francesa. Mas esse argumento não seria muito convincente, uma vez que se criam deantroponímicos frequentemente na língua. Além do mais, teríamos que responder por que, mesmo nos casos em que se tem um deantroponímico corrente, utiliza-se o nome próprio – veja-se o exemplo de *estilo Fidel Castro* e *estilo castrista*; *técnica Stanislavsky* e *técnica stalinavskiana*; *plan Woody Allen* e *plan woodyalleniano*. Dessa forma, conclui-se que tanto a construção [N + Antr] quanto a sua paralela [N + adj. deantroponímico] são correntes e que produzem efeitos de sentido diferenciados, tema que não será desenvolvido neste trabalho<sup>4</sup>.

Sobre o uso dessa construção com o nome *estilo*, Fernández Leborans (1999, 110) argumenta que faria parte de um uso habitual em espanhol, no qual o nome próprio viria como complemento adjunto (*adyacente*) a um nome curinga (*comodín*), como *tipo*, *estilo* ou similar. Mas, além do que expõe a autora, é preciso pensar no tipo de entidade à qual se faz referência. Desse modo, os exemplos se diferenciariam na medida em que a entidade denotada pelo nome comum tem ou não a possibilidade de receber um nome próprio, de ser nomeada. Um *estilo* ou uma *técnica* são entidades às quais se costuma nomear, diferentemente de um *año* ou um *efecto*. Por isso, seriam mais frequentes os usos com palavras como *estilo* ou *técnica* e, dessa forma, (1) a (3) comporiam um grupo diferente daquele dos exemplos (4) a (7).

Se, nos casos vistos, o antropônimo ocupa a *posición* de adjetivo, é natural que esse nome de pessoa, como os adjetivos, possa ser modificado por um intensificador como *muy*<sup>5</sup>. O exemplo abaixo exemplifica a possibilidade de uso de advérbio intensificador anteposto ao antropônimo. Neste caso, parte-se do *conteúdo* de China Zorrilla, atriz do filme argentino *Elsa e Fred*, para qualificar a personagem que ela mesma interpreta, Elsa.

<sup>4</sup> Sobre o tema, podem-se consultar BAJO PÉREZ (2002, p. 109) e BOSQUE (1991, p. 117).

<sup>5</sup> Veja-se, entretanto, a discussão de BOSQUE (1991, p. 122) a respeito ao critério de gradação.

- (8) ¿No había posibilidades de que la protagonista fuera otra actriz? El personaje de Elsa es muy **China** porque se trata de una mujer de 35 años que habita el cuerpo de una mujer de 80. Igual que China que tiene 35 años no más. Me costaba muchísimo imaginarme otra actriz en ese personaje.

(<http://www.lanacion.com.ar/725233>)

BAJO PÉREZ (2002, p. 108), por sua vez, apresenta exemplos como: *Estás muy Bogart últimamente, ¿no? / Estás Bogartísimo, chico / Estás de lo más Bogart / Cuanto más Bradomin te pongas, peor*. Ao comentar tais construções, a autora expõe: “los nombres propios, cuando admiten la gradación y la cuantificación propias de los adjetivos o cuando se combinan con *lo*, se convierten claramente en adjetivos”. Entretanto, neste trabalho, seguindo AMARAL (2008) e de acordo com o que foi exposto anteriormente, não se assume a posição de Bajo Pérez. Adota-se a noção de *conteúdo* do nome próprio e defende-se que essa noção deve entrar em jogo para a explicação dos casos analisados.

Além do mais, convém recuperar a proposta de BOSQUE (1991, p. 123) ao analisar o sintagma *muy inglés*. Para o autor, “como *inglés* es adjetivo de relación que denota una clase, necesitamos antes convertirlo en denotador de una propiedad para entender lo que significa *muy inglés*.” Bosque continua sua argumentação afirmando que esse é “un proceso extralingüístico para el que es necesario que se asocien a *inglés* una serie de características distintivas estereotipadas de naturaleza cultural”. Seria então possível aplicar o raciocínio do autor aos nossos casos e diríamos que é preciso, para interpretá-los, que se recorra às propriedades denotadas pelo antropônimo (ao *conteúdo* de Gary-Prieur), o que, pela própria natureza do nome próprio, será um processo extralingüístico.

A compreensão das interpretações dos nomes próprios em casos como os anteriores pode tornar-se útil para uma interessante discussão nas aulas de E/LE.

## 5. Implicações para o ensino de espanhol como língua estrangeira

Sabe-se que vários gramáticos tradicionais postulam que uma palavra de uma classe pode ser usada em lugar de outra. Para este trabalho, é importante perguntar: convém afirmar que o nome próprio é usado como adjetivo? Pensando no ensino de língua, seria conveniente que o professor explicasse que em casos como os da seção anterior teríamos nomes de pessoas usados como adjetivos?

Nossa resposta é **não**. Acreditamos que seria necessária uma discussão lingüística em sala que incluísse informações como:



- a) o nome próprio não possui sentido lexical, ou seja, não possui um sentido que possa ser comparado com outros itens léxicos da língua, como os substantivos comuns possuem;
- b) um nome próprio em um contexto de uso possui um *conteúdo*, formado por propriedades do portador inicial do nome.
- c) essas propriedades são responsáveis pela qualificação atribuída ao nome comum na constituição do referente do sintagma nominal.

Uma explanação como essa, obviamente adaptada ao nível e idade dos alunos, permitiria ao professor oferecer uma explicação com um caráter mais descritivo, distanciando-se de repetições de modelos vagos de análise.

A título de exemplificação, incluímos em anexo alguns exercícios que podem ser levados para a sala de aula. Em todos eles, aparecem ocorrências encontradas em jornais eletrônicos, blogs e foros virtuais, a maioria delas com o nome próprio antecedido por *muy*.

## 6. Conclusões

Neste artigo, expusemos e comentamos exemplos de usos de nomes próprios que aparecem em *posición* de adjetivos, inclusive sendo antecidos por intensificadores. Partimos de uma discussão sobre classificações de itens lexicais, concentrando-nos nas classes de substantivos e adjetivos. Defendemos que o nome próprio, mesmo que ocupe o *lugar* de adjetivo, não pertencerá a esta classe. Vimos que entrarão em jogo noções como propriedades do portador do nome e conteúdo do nome próprio. Como sugestão de trabalho com o tema em sala de E/LE, apresentamos alguns exercícios elaborados com textos em que aparecem nomes próprios de diferentes personalidades.

Ao expor uma reflexão sobre um fenômeno específico da língua e ao propor que essa reflexão também faça parte de aulas de língua estrangeira, adotamos uma concepção de gramática reflexiva. Seguimos a posição das *Orientações Curriculares*, que afirmam que o problema do ensino de gramática não está propriamente na *gramática da língua*, mas na concepção de gramática (e de língua) que orienta os cursos. Acreditamos que as nossas reflexões e as posturas propostas podem contribuir para uma concepção de gramática mais reflexiva e para a formação de um professor crítico com relação ao seu objeto de ensino, a língua espanhola.

## 7. Referências

- ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- ALONSO RAYA, R. **Gramática básica del estudiante de español**. Barcelona: Difusión, 2006.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **Nomes próprios: análise de antropônimos do espanhol escrito**. Tese (Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.
- BAJO PÉREZ, Elena. **La caracterización morfosintáctica del español**. Noia (A Coruña): Toxosoutos, 2002.
- BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Disponível em <<http://www.antoniodenebrija.org/>>. Acesso em: 28 abr. 2009.
- BOSQUE, Ignacio. **Las categorías gramaticales: relaciones y diferencias**. Madrid: Síntesis, 1991.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006. Vol. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2009.
- DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires: La isla de la Luna, 2005.
- FERNÁNDEZ LEBORANS, María Jesús. **El nombre propio**. In: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (dir.). In: **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa Calpe, 1999a. vol. 1: sintaxis básica de las clases de palabras, p. 77-128.
- GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. **Grammaire du nom propre**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- GARY-PRIEUR, Marie-Noëlle. **L'individu pluriel: les noms propres et le nombre**. Paris: CNRS, 2001.
- GÓMEZ TORREGO, Leonardo. **Gramática didáctica del español**. 7. ed. Madrid: SM, 2000.
- MOLINO, Jean. **Le nom propre dans la langue**. Langages, v. 66, p. 5-20, juin 1982.
- NEBRIJA, Antonio de. **Gramática de la lengua castellana**. 1492. Disponível em: <<http://www.sgci.mec.es/br/cv/biblioteca/index.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2005.
- NEVES, Maria Helena M. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: UNESP, 2005.
- OSUNA GARCÍA, Francisco. **Los nombres propios: ¿lexemas o morfemas?** Revista de Filología Española, Madrid, v. LXXXIII, n. 1-2, p. 93-132, 2003.
- SALVÁ, Vicente. **Gramática de la lengua castellana según ahora se habla** (edición y estudio de Margarita Llisteras). Madrid: Arco Libros, 1988.

## 8. Anexo

### EXERCÍCIOS PROPOSTOS PARA O ENSINO DE E/LE

1. En (1.1), fragmento de un texto de filosofía, el autor utiliza una propiedad que atribuye a Cristina Kirchner, la soberbia, para calificar el pensamiento de que no existiría vida en otra parte. Observa que el propio autor presenta la expresión “por lo soberbio” cuando dice “sería muy Kristina Kirchner (...) pensar...”. El mismo procedimiento se encuentra en los demás fragmentos, donde aparecen nombres de personalidades argentinas. Pero a diferencia del primero los autores no explicitan las propiedades relevantes relacionadas a los nombres propios. Identifícalas.

(1.1) Gracias por los comentarios. Igual no confundas otros mundos con universos paralelos. Seria muy '**Cristina Kirchner**' (por lo soberbio) pensar que no existe vida en otra parte exceptuando la Tierra. Creo fervientemente que hay vida en otros mundos (mas y menos inteligentes y es muy probable que jamas la veamos), pero no asi en universos paralelos (en donde en otro plano hay millones de 'yo' haciendo cosas iguales o parecidas).

(<http://camaleonx.wordpress.com/2008/04/04/universos-paralelos-realidad-o-ficcion/>)

(1.2) No es lógico y normal que un futbolista, por muy **MARADONA** que sea o **MESSI**, valga 10.000 millones de las antiguas pesetas.

(<http://www.eleconomista.es/a-debate/noticias/799285/10/08/Las-contrataciones-de-futbol-en-PPV-cayeron-casi-a-la-mitad-en-el-segundo-trimestre-de-2008.html>)

(1.3) Igualmente creo que hay que seguir filmando, hay que apostar al género, y no basarse tanto en las películas yanquis -aunque a alguien le pueda sonar muy **Che Guevara**-, porque no creo que de allí haya mucho más para rescatar.

(<http://www.argentinascifi.com.ar/Web%20-%20Arg%20SciFi/barrios.html>)

(1.4) NADIE es indispensable en un equipo y si un jugador ( por muy **Maradona** que sea ) causa discordias y conflictos en un equipo...entonces es mejor echarlo para bienestar del resto...

([http://www.diez.hn/Ediciones/2009/02/02/Noticias/Pavon-y-Dani-no-jugaran-contr-Costa-Rica/\(offset\)/5](http://www.diez.hn/Ediciones/2009/02/02/Noticias/Pavon-y-Dani-no-jugaran-contr-Costa-Rica/(offset)/5))

(1.5) ¿El genio ha dejado herencia? [Álvaro] Mutis estima que no: «No hay borgianos. No hay un escritor que uno lea y diga: «Acá éste tomó esto de Borges». Ni siquiera su gran amigo, Bioy Casares, tenía una literatura parecida. Es que es tan íntegro, tan estructuralmente sólido, tan... tan **Borges**». Tanto que ni siquiera se le puede copiar.

([http://www.abc.es/hemeroteca/historico-21-02-2002/Cultura/mutis-borges-ya-no-es-un-escritor-argentino-ni-sudamericano%3B-es-universal\\_79541.html](http://www.abc.es/hemeroteca/historico-21-02-2002/Cultura/mutis-borges-ya-no-es-un-escritor-argentino-ni-sudamericano%3B-es-universal_79541.html))

(1.6) El afortunado tendrá que acercarse a la redacción de EXTRA con su cédula de identidad y retirar la boina estilo "**Che Guevara**", junto a un autógrafo del abogado.

(<http://www.extra.ec/noticias.asp?codigo=20080530155753>)

(1.7) Bueno amigos, una foto, sin mucho retoque excepto por alguna corrección en el encuadre, y algo más de contrastes y saturación de colores. Un momento de luz y calma en el puerto de Ing. White en Bahía Blanca, Argentina.

Para mi gusto se extraña algo de cielo azul en el horizonte, pero la verdad el puerto está confinado entre grandes estructuras y no hay cielo que buscar... Espero les guste.



Muy buena foto Gustavo, excelente los colores y lograste una muy buena composición una toma muy **Quinquela!!!** Los colores y los contrastes muy buenos, me gusta esta foto excelente luz y gran definición! Un abrazo! David

(<https://www.usefilm.com/image/1437808.html>)

**2. En el fragmento (2.1), se utiliza el nombre del presidente venezolano, Hugo Chávez, para calificar el nombre “estilo”. Lee los ejemplos siguientes. Identifica qué o quién se califica en los otros casos a partir del nombre Hugo Chávez.**

(2.1) La próxima segunda vuelta de las elecciones presidenciales en Perú puede ser otra señal de que la ola de populismo al estilo Hugo Chávez en Latinoamérica ya llegó a su cresta.

(<http://www.elcato.org/node/1584>)

(2.2) Oh! muy Hugo Chávez de tu parte tratar de imponer las cosas correctas acerca de las que debo escribir en mi propio blog...

(<http://pavelpuntosdevista.blogspot.com/2007/07/michael-moore-y-sicko-mentiras.html>)

(2.3) Me veré muy Hugo Chávez o lo que sea, pero la verdad es que los representantes europeos son unos payasos!!!

([http://premium.eluniversal.com.mx/comunidad/comentarios\\_dinamicos.php?id\\_nota=592396&seccion=notas&a\\_partir=1](http://premium.eluniversal.com.mx/comunidad/comentarios_dinamicos.php?id_nota=592396&seccion=notas&a_partir=1))

(2.4) Es más, Sardá<sup>6</sup> me parece muy Hugo Chávez: Haciendo como que es político, con ideas, de principios... cuando lo único que quiere es notoriedad.

(<http://clubdeangela.blogspot.com/2007/11/por-qu-no-te-callas.html>)

**3. Teniendo en cuenta las relaciones de antonimia entre *bueno X malo y positivo X negativo*, lee los fragmentos y di si se utiliza el apellido del presidente estadounidense Obama para calificaciones buenas/positivas o malas/negativas. A continuación, intenta explicar el porqué.**

(3.1) Una foto enmarcada de ella y su marido, el duque de Edimburgo, es el regalo de la reina de Inglaterra al presidente de los Estados Unidos en su primera visita oficial al Reino Unido. Es el regalo que hace a todos sus invitados, una foto dedicada. Como es la reina, regala historia, está dando una página de los libros de historia, algo así como para que el obsequiado pueda decir «yo estuve con la reina de Inglaterra», o que tus hijos o nietos puedan contarlo. Claro, no se trata de que vaya regalando las joyas de la corona. Además, es una manera de decir que los presidentes de las naciones pasan, por muy **Obama** que sea uno, pero que las reinas de Inglaterra quedan. Es lo que tienen las monarquías, que no hay que votarles cada cuatro o cinco años.

(<http://www.larioja.com/20090408/opinion/joya-corona-20090408.html>)

---

<sup>6</sup> Javier Sardá, periodista español.

(3.2) ¿De qué se extrañan? ¿Acaso pensaban que Obama era el no va más del progresismo? Es, obviamente, mejor que McCain y Bush Jr. pero eso no quita que es un presidenciable yanqui. Y ya se sabe que de un presidente estadounidense no puede esperarse cosa buena, por muy **Obama** que sea...

(<http://www.publico.es/internacional/166244/ex/secretario/colin/powell/anuncia/apoyo/obama>)

(3.3) Si los negros del Bronx esperan salir de pobres con Obama se equivocan. Si los muyaidines de Afganistan esperan bombarderos lanzando flores y ejemplares del Corán, también se equivocan. Si los blancos temen un favoritismo hacia "lo negro", van mal encaminados.

Obama no será Bush. Pero no será tan "**Obama**" como la gente espera. Al tiempo.

(<http://elblogdejmmml.blogspot.com/>)